

# Notas sobre o materialismo histórico\*

## Adelmar Santos de Araújo

Professor de História Contemporânea na Uni-Araguaia e professor pesquisador no Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPPES) historiaecultura2011@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-7370-7822>

## Resumo

O texto tem como objetivo discutir a emergência de Karl Marx e Friedrich Engels no contexto de desenvolvimento capitalista na Europa. Para isso, investigou-se como esse paradigma historiográfico, o Materialismo Histórico, emerge no século XIX e se estende até os dias de hoje. Sua influência tem ultrapassado as linhas teóricas do marxismo e atingido outras correntes historiográficas e historiadores em todo o mundo. Nesse contexto, objetivou-se ainda entender como as tensões entre a burguesia e o proletariado impactaram a visão de mundo desses dois autores. Além disso, buscou-se compreender um pouco das contribuições de Lênin nesse processo.

**Palavras-chave:** Karl Marx e Friedrich Engels; Materialismo histórico; Lênin.

## Resumen

El texto tiene como objetivo discutir el surgimiento de Karl Marx y Friedrich Engels en el contexto del desarrollo capitalista en Europa. Para ello investigamos cómo este paradigma historiográfico, el Materialismo Histórico, surge en el siglo XIX y se extiende hasta nuestros días. Su influencia ha traspasado las líneas teóricas del marxismo y ha llegado a otras corrientes historiográficas e historiadores de todo el mundo. En ese contexto, el objetivo fue comprender cómo las tensiones entre la burguesía y el proletariado impactaron en la cosmovisión de estos dos autores. Además, buscamos comprender un poco los aportes de Lenin en este proceso.

**Palabras clave:** Karl Marx y Friedrich Engels; Materialismo histórico; Lenin.

## Abstract

The text aims to discuss the emergence of Karl Marx and Friedrich Engels in the context of capitalist development in Europe. For this, we investigated how this historiographical paradigm, Historical Materialism, emerges in the 19th century and extends to the

---

\*Texto elaborado a partir do projeto apresentado ao Programa de Estágio de Pós-doutorado em História do PPGH/PUC-Goiás, sob a supervisão do prof. Dr. Eduardo Sugizaki.

present day. Its influence has gone beyond the theoretical lines of Marxism and reached other historiographic currents and historians around the world. In this context, the objective was to understand how the tensions between the bourgeoisie and the proletariat impacted the worldview of these two authors. In addition, we sought to understand a little of Lenin's contributions in this process.

**Keywords:** Karl Marx and Friedrich Engels; Historical materialism; Lenin.

Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818 em Trier (Prússia renana). Era filho de Heinrich Marx, um advogado israelita, convertido ao protestantismo em 1824 para continuar-se no exercício da profissão; sua mãe, Henriette Pressburg, vinha de uma família próspera de comerciantes holandeses. Embora a família de Marx fosse abastada e culta, não era revolucionária. Após concluir os estudos no liceu de Trier, Marx ingressou na Universidade de Bona e transferiu-se depois para a Universidade de Berlim, onde estudou direito, história e filosofia. Em 1841, concluiu seu doutoramento defendendo uma tese sobre a filosofia de Epicuro. Da filosofia de Hegel, extraiu conclusões revolucionárias. “Nessa época, o desenvolvimento das ideias do hegelianismo de esquerda fazia, na Alemanha, rápidos progressos. A partir sobretudo de 1836, Ludwig Feuerbach começa a criticar a teologia e a orientar-se para o materialismo” (LENINE, 1986, p. 4). Marx e os hegelianos de esquerda tornaram-se feuerbachianos. Em Colônia, os hegelianos de esquerda fundaram um jornal de oposição intitulado *Gazeta Renana*, tendo como principais colaboradores Karl Marx e Bruno Bauer. Marx aspirava tornar-se professor universitário, mas a política reacionária do governo obrigou-o a renunciar a profissão. Em 1843, casou-se com Jenny von Westphalen, filha de uma família nobre e reacionária da Prússia. Em 1844, conheceu Friedrich Engels em Paris; tornaram-se amigos e participaram da vida ativa e agitada dos grupos revolucionários da época.

Friedrich Engels nasceu em 1820 em Barmen, na província renana do reino da Prússia. Era filho de um rico industrial, Friedrich Engels e de Elise Engels, filha de eruditos alemães. A família de Engels era protestante e adepta de visões liberais. Aos dezoito anos teve que abandonar os estudos no liceu e trabalhar como empregado em uma das empresas do pai, em Bremen. “Este trabalho não o impediu de completar a sua instrução científica e política. Foi desde o liceu que ele ganhou ódio ao absolutismo e à arbitrariedade da burocracia. Os seus estudos de filosofia o levaram ainda mais longe” (LENINE, 1986, p. 29). Assim, como Marx, Engels buscou em Hegel o aspecto revolucionário de sua filosofia, segundo o qual o mundo vive em *permanente processo de mudança e desenvolvimento*. Contudo, a filosofia de Hegel era idealista, tratava do desenvolvimento do espírito e das ideias; Marx e Engels partem de uma concepção materialista, segundo a qual o desenvolvimento da sociedade está relacionado ao desenvolvimento de forças materiais. Ao se desenvolverem, as forças produtivas criam relações sociais baseadas na propriedade privada, concentrando a riqueza nas mãos de uma minoria exploradora e excludora. Transpondo os limites do escritório, Engels estudou a situação do operariado e identificou, além de suas mazelas, o papel revolucionário enquanto classe. Em contato com os militantes do movimento operário inglês, Engels torna-se socialista na Inglaterra, onde escreveu, publicou e contribuiu incansavelmente

com o movimento operário e socialista. A obra *a situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845) tornou-se um clássico da tradição socialista revolucionária e referência obrigatória na bibliografia das ciências sociais e humanas.

A participação de Marx e Engels nas lutas e nos movimentos operários de sua época com a concepção materialista e dialética da história, a luta de classes como o motor da história, o papel do proletariado como força motriz, a conscientização de que toda luta é uma luta política foi precursora entre os que adotaram tais concepções na luta proletária pela sua emancipação. Os dois amigos deram juntos grandes contribuições como o *manifesto comunista* de 1848, *a sagrada família ou a crítica da crítica contra Bruno Bauer e consortes* (1845), *a ideologia alemã* (1845-46), dentre outros. Nos *anais franco-alemães* (1844), que não passaram de um único número duplo, a contribuição de Marx e Engels foi decisiva para a aproximação dos dois pensadores. Marx publicou dois importantes trabalhos: a Introdução a uma crítica da filosofia do direito de Hegel e A questão judaica; Engels publicou o Esboço de uma crítica da economia política. Este trabalho “marcou uma virada no pensamento de Marx” (GIANOTTI, 1978, p. XIII).

A grandeza do feito científico de Karl Marx e de Friedrich Engels, fundadores do marxismo, consiste em terem reelaborado cada um dos principais domínios do pensamento social tal como se tinham constituído no início dos anos 40 do século XIX, fundindo-os num conhecimento qualitativamente novo, integral, da sociedade, ligado à prática do movimento revolucionário da classe operária (LA APINE, 1986, p. 15).

## A emergência do materialismo histórico

Como paradigma historiográfico, o Materialismo histórico emerge no século XIX e se estende até os dias de hoje. Sua influência tem ultrapassado as linhas teóricas do marxismo e atingido outras correntes historiográficas e historiadores em todo o mundo. Distinguindo-se do Positivismo e do Historicismo, esse modo de fazer e entender a História foi inaugurado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Seus fundamentos centrais são: a Dialética, o Materialismo e a Historicidade. “Se abstrairmos qualquer um destes fundamentos, o Materialismo histórico deixa de fazer sentido em seu núcleo mínimo de coerência: ou se dissolve, ou se desfigura, ou se transforma em outra coisa” (BARROS, 2013, p. 26).

Dentre os desdobramentos da Dialética, tem-se a noção de “Práxis”, junção entre teoria e prática, ou, se quiser, pensamento e ação, considerada por Marx fundamental para o delineamento do Materialismo histórico. Além da práxis, estão entre os conceitos incontornáveis: luta de classes e modo de produção. A estes, seguem as ideias de ideologia e revolução. Em relação à Dialética, conforme a explicação de Barros (2013, p. 36), nota 14, a origem etimológica de:

Dialética está na combinação de “dia” (“troca”) com “lekticós” (apto à palavra), e por isso a expressão também aparece empregada no sentido de um método

de filosofar por meio do diálogo e da contraposição, tal como ocorre com a Dialética Socrática. A Dialética compreendida como estrutura contraditória da realidade em termo de movimento, contudo, constitui uma contribuição heraclitiana à história da filosofia que só seria retomada com todo o seu vigor por Hegel, e depois por Marx.

Na perspectiva hegeliana, o movimento dialético prediz o confronto entre uma dada realidade sendo confrontada por outra gerando um novo movimento de transformações dialéticas: Tese, Antítese e Síntese. Hegel adota como ponto de partida o mundo das ideias, o Espírito, *Geist*, em alemão. O mundo se move a partir do Espírito. Marx inverte o ponto de partida; o processo dialético se inicia com a realidade concreta, com as condições materiais objetivas apresentadas aos homens organizados em sociedade. O princípio da História se realiza quando os homens produzem e reproduzem sua sobrevivência mediante as condições materiais. “O modo como os homens produzem sua própria vida material e social seria o verdadeiro ponto de partida de toda análise histórica” (BARROS, 2013, p. 42). Engels, vários anos após a morte de Marx, por meio de cartas, escrevia em defesa do marxismo demonstrando a interação entre a situação econômica e as relações políticas, jurídicas, filosóficas, literárias, artísticas etc., de modo a compreender a história “como produto da ação coletiva dos seres humanos em condições determinadas” (FERNANDES, 2012, p. 202). Segundo o autor, ao escrever *Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia clássica alemã*, Engels pôde “concatenar uma versão integrativa dos aspectos psicológicos, socioeconômicos e políticos das transformações históricas” (FERNANDES, 2012, p. 203) sem que isso significasse qualquer revisão ou efeito de negação aos princípios explicativos próprios do materialismo histórico.

Em termos de teoria da história, em sua obra *A ideologia alemã* (1845-1846), Marx e Engels realizam a fusão entre materialismo e dialética alargando o desenvolvimento das ciências sociais no século XIX, identificando a história como ciência dos homens, compreendendo o histórico como *intrinsecamente sociológico* (FERNANDES, 2012).

Em seu *Anti-Dübring*, Engels pontua que Marx e ele foram “quase os únicos a salvar a dialética consciente da filosofia idealista alemã, para integrar na concepção materialista da história” (MARX; ENGELS, 1971, p. 79). Segundo Engels, é um fato claro “que o mundo é um sistema uno”, “mas o conhecimento deste sistema pressupõe o conhecimento de toda a natureza e de toda a história” (MARX; ENGELS, 1971, p. 86). Isso vai ao encontro às formulações de Marx nas *Teses sobre Feuerbach*, nas quais o autor explica que “toda vida social é essencialmente prática”; e que a essência do homem “é o conjunto das relações sociais”. Assim, “são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado” (MARX; ENGELS, 1971, p. 22-24).

No prefácio à edição inglesa do *Socialismo utópico e socialismo científico*, de 1892, Engels utiliza o termo materialismo histórico para

designar uma concepção da história que procura a causa primeira e o grande motor de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento

da sociedade, na transformação dos modos de produção e de troca, na divisão da sociedade em classes que dela resulta e nas lutas destas classes entre si (MARX; ENGELS, 1971, p. 168).

De acordo com Lênin (1986, p. 11), “a formulação mais completa das teses fundamentais do materialismo aplicado à sociedade humana e à sua história é dada por Marx no prefácio à sua obra *Contribuição para a Crítica da Economia Política*”. O autor explica que dois importantes defeitos das teorias da história anteriores a Marx foram eliminados pela aplicação consequente do materialismo ao domínio dos fenômenos sociais.

Em primeiro lugar, estas consideravam, no melhor dos casos, os móveis ideológicos da atividade histórica dos homens, sem investigar a origem desses móveis, sem apreender as leis objetivas que presidem ao desenvolvimento do sistema das relações sociais e sem descobrir as raízes dessas relações no grau de desenvolvimento da produção material. Em segundo lugar, as teorias anteriores não abarcavam precisamente a ação das *massas* da população, enquanto o materialismo histórico permite, pela primeira vez, estudar com a precisão das ciências naturais as condições sociais da vida das massas e as modificações dessas condições. A “sociologia” e a historiografia anteriores a Marx, no *melhor* dos casos, acumularam fatos em bruto, fragmentariamente recolhidos, e expuseram alguns aspectos do processo histórico. O marxismo abriu caminho ao estudo universal e completo do processo do nascimento, do desenvolvimento e declínio das forças econômico-sociais, examinando o *conjunto* das tendências contraditórias, ligando-as às condições de existência e de produção, exatamente determináveis, das diversas *classes* da sociedade, afastando o subjetivismo e o arbítrio na seleção das diversas ideias “dominantes” ou na sua interpretação, revelando as raízes de todas as ideias e todas as diferentes tendências, sem exceção, no estado das forças produtivas materiais (LENINE, 1986, p.11-12). *Grifos do autor*

Assim, enfatiza Lênin, “Marx traçou o caminho para o estudo científico da história”. Para tanto, ao partir da concepção de que os homens são os artesãos da sua própria história, Marx problematiza:

que causas determinam os móveis dos homens e, mais precisamente, das sociedades humanas? Qual é a causa dos conflitos de ideias e aspirações contraditórias? Que representa o conjunto desses conflitos na massa das sociedades humanas? Quais são as condições objetivas da produção da vida material nas quais se baseia toda a atividade histórica dos homens? Qual é a lei que preside ao desenvolvimento destas condições? (LENINE, 1986, p. 12).

De acordo com Lênin, “após a grande revolução francesa, a história da Europa, em muitos países, revela com particular evidência o verdadeiro fundo dos acontecimentos, a

luta de classes” (LENINE, 1986, p. 13). Para se entender de que forma a luta de classes é posta como chave para a compreensão da história, é necessário analisar, de forma objetiva, a situação de cada classe no interior da sociedade moderna e acompanhar, analiticamente, as condições do desenvolvimento das diferentes classes, na complexa rede de relações sociais que ligam uma classe a outra, estabelecem seus limites e graus transitórios, inclusive, do passado para o futuro constituindo o desenvolvimento histórico. Segundo Lênin, Marx exemplificou com profundidade, por meio da historiografia materialista, porque e como *toda a luta de classes é uma luta política*. Evidencia-se, portanto, múltiplas e complexas relações entre economia, política, classes sociais e história.

Na introdução ao texto *As Lutas de Classes na França*, de 1895, Engels escreve que o trabalho então reeditado foi a primeira tentativa de

Marx para explicar um fragmento da história contemporânea por meio do seu modo materialista de [a] conceber a partir da situação econômica dada. No *Manifesto Comunista*, a teoria tinha sido aplicada em linhas muito gerais a toda a história moderna. Nos artigos de Marx e meus da *Neue Rheinische Zeitung* fora a referida teoria aplicada constantemente para a interpretação de acontecimentos políticos do momento. Aqui, ao contrário, tratou-se de demonstrar a conexão causal interna de acontecimentos ocorridos ao longo de um desenvolvimento de vários anos tão crítico quanto típico para toda a Europa, de reconduzir, portanto, no sentido do autor, os acontecimentos políticos a efeitos de causas em última instância econômicas (ENGELS, 2015, p. 37).

Observa-se, neste parágrafo, forte indicação não apenas em termos de concepção da história propriamente dita, como também de uma questão metodológica de construção da história. Ao que se vê, os momentos se complementam num duplo, por assim dizer, que vai do cotidiano à macroeconomia e vice-versa. Conforme apresenta Engels,

é evidente que esse inevitável descuro das transformações simultâneas da situação econômica, a verdadeira base de todos os processos a examinar, tem de ser uma fonte de erros. Mas todas as condições de uma exposição de conjunto da história do dia a dia contêm em si, inevitavelmente, fontes de erros; o que, porém, não impede ninguém de descrever a história do dia a dia (ENGELS, 2015, p. 38).

De acordo com Engels, recuar até as últimas causas econômicas para se apreciar acontecimentos da história do dia a dia consiste em tarefa impossível, pois tais condições jamais estariam dadas. Não se tem clara visão de conjunto sobre a história econômica de um dado período, pois falta aí simultaneidade. Trata-se de uma conquista que só ocorre após a recolha e o exame do material de estudo.

Quando Marx empreendeu este trabalho, a fonte de erros mencionada era ainda mais inevitável. Durante o tempo da revolução de 1848-1849 era puramente

impossível seguir as alterações econômicas que simultaneamente se produziam, ou até mesmo manter delas uma visão de conjunto. O mesmo aconteceu durante os primeiros meses de exílio em Londres, no outono e no inverno de 1849-1850. Mas foi precisamente nessa altura que Marx iniciou o trabalho. E, apesar desse desfavor das circunstâncias, o conhecimento exato de que dispunha, tanto da situação econômica da França antes da revolução de fevereiro, quanto da história política desse país a partir de então, possibilitou-lhe fazer uma exposição dos acontecimentos que, de um modo desde então inalcançado, revela a conexão interna entre eles e que, além disso, resistiu brilhantemente à prova a que, por duas vezes, o próprio Marx a submeteu (ENGELS, 2015, p. 39).

É possível questionar até que ponto a base material determina a ordem das coisas? Não temos como responder isso agora. O que se observa é que as realizações ocorrem sempre relacionadas à base material, seja do ponto de vista físico, natural, mineral ou econômico. Tudo tem a ver com a história e como o homem se liga aos elementos da base material. No Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política, Marx explica que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47). É a partir das contradições da vida material que se explicam as transformações na consciência dos homens. Em meio às contradições da vida material é possível visualizar e compreender as lutas de classes, bem como hegemonia e superação. Nesse sentido, segundo Karl Marx, “as relações burguesas de produção são a última forma antagônica do processo de produção social”. Todavia, explica o autor, esse antagonismo não se dá por meio de um sentido individual, “mas de um antagonismo que nasce das condições de existência sociais dos indivíduos; as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esse antagonismo” (MARX, 2008, p. 48).

## **Lênin e as três fontes**

Lênin, ao estudar as três fontes e as três partes constitutivas do marxismo, assinalou que “o gênio de Marx reside precisamente em ter dado respostas às questões que o pensamento avançado da humanidade tinha já colocado. A sua doutrina surgiu como *continuação* direta e imediata das doutrinas dos representantes mais eminentes da filosofia, da economia política e do socialismo” (LENINE, 1986, p. 35) *grifo do autor*.

A filosofia do marxismo é o materialismo. Essa filosofia tem importante trajetória de luta contra as instituições feudais e todo um conjunto de ideias que alimentavam e mantinham o pensamento religioso e superstições medievais. E, a partir do final do século XVIII, sobretudo na França, o materialismo marca posição de destaque ancorado nos ensinamentos das ciências naturais hostis “à beatice”. Marx e Engels, contudo, não se limitaram ao materialismo do século XVIII e enriqueceram essa filosofia com as aquisições da filosofia clássica alemã, especialmente das formulações de Hegel e

Feuerbach. Dentre tais aquisições destaca-se a dialética, que *nos dá reflexo da matéria em constante movimento*.

Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx levou-o ao fim e estendeu-o do conhecimento da natureza até ao conhecimento da *sociedade humana*. O *materialismo histórico* de Marx é uma conquista formidável do pensamento científico. Ao caos e à arbitrariedade que até então imperavam nas concepções da história e da política sucedeu uma teoria científica notavelmente integral e harmoniosa, que mostra como, em consequência do crescimento das forças produtivas, se desenvolve uma forma de vida social mais elevada, como, por exemplo, o capitalismo nasce do feudalismo (LENINE, 1986, p. 36).

Quanto à economia, para Marx, o regime econômico constitui a base sobre a qual se ergue a superestrutura política. Nessa perspectiva, em sua obra principal, *O Capital*, Marx se dedica ao estudo do regime econômico da sociedade capitalista partindo, especialmente, das contribuições dos economistas burgueses Adam Smith e David Ricardo sobre a *teoria do valor-trabalho*. Ele “mostrou que o valor de qualquer mercadoria é determinado pela quantidade de tempo de trabalho necessário investido na produção” (LENINE, 1986, p. 37). O que para os economistas burgueses não passava de troca entre mercadorias, ou seja, relações entre objetos, Marx descobriu relações entre pessoas. O mercado estabelece ligação entre os diferentes produtores expressa pela troca de mercadorias que, por sua vez, unem a vida econômica dos diferentes produtores por meio do dinheiro. O capital intensifica o desenvolvimento dessa ligação configurada na força de trabalho tornada mercadoria; ao vender sua força de trabalho aos proprietários da terra, das fábricas, enfim, dos instrumentos de produção, o operário assalariado emprega uma parte do seu tempo de trabalho para cobrir os custos de seu sustento e de sua família e, portanto, receber o salário, e o restante do tempo de trabalho é dedicado gratuitamente ao capitalista, criando, para este, a *mais-valia*, de onde a classe capitalista extrai seus lucros, suas riquezas. A teoria da mais-valia é o elemento essencial da teoria econômica de Marx.

A terceira fonte constitutiva do marxismo, conforme a formulação leninista, é o socialismo francês, ou socialismo utópico. Esse primeiro socialismo, que embora criticasse a sociedade capitalista e sonhasse com a destruição de todas as mazelas trazidas pela sociedade moderna, não conseguiu propor uma alternativa real e efetiva ao capitalismo; não conseguiu explicar a natureza da escravidão assalariada capitalista; tampouco descobriu a *força social criadora* da nova sociedade ou as leis do seu desenvolvimento. Foram necessárias novas formulações.

Só o materialismo filosófico de Marx indicou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetaram até hoje todas as classes oprimidas. Só a teoria econômica de Marx explicou a situação real do proletariado no conjunto do regime capitalista (LENINE, 1986, p. 39).



De acordo com Friedrich Engels, o socialismo moderno, em termos de conteúdo é, inicialmente, “fruto do reflexo na inteligência, por um lado, dos antagonismos de classe que imperam na moderna sociedade entre possuidores e despossuídos, capitalistas e operários assalariados, e, por outro lado, da anarquia que reina na produção” (ENGELS, 1988, p. 28). Friedrich Engels observa que durante muito tempo as concepções dos socialistas utópicos dominaram as ideias socialistas do século XIX. Em tais concepções, o socialismo expressaria a verdade absoluta, a razão, a justiça, de modo que esse conjunto de virtudes seria necessário para conquistar o mundo. Importa dizer que essa concepção de verdade absoluta não condiz com o desenvolvimento histórico que, por sua vez, está relacionado às condições de espaço e de tempo. “Para converter o socialismo em ciência era necessário, antes de tudo, situá-lo no terreno da realidade” (ENGELS, 1988, p. 44).

Lenin, em sua obra *Imperialismo – fase superior do capitalismo* escrita em 1916, explica que quando

Marx escreveu *O Capital*, livre concorrência era, para a maior parte dos economistas, uma “lei natural”. A ciência oficial procurou aniquilar, por meio da conspiração do silêncio, a obra de Marx, que tinha demonstrado, com uma análise teórica e histórica do capitalismo, que a livre concorrência gera a concentração da produção, e que a referida concentração, num certo grau do seu desenvolvimento, conduz ao monopólio. Agora o monopólio é um facto (LENIN, 2012, p. 152).

Dessa maneira, os cartéis passam a estabelecer entre si acordos sobre as condições de venda, os prazos de pagamento bem como fazem a partilha dos mercados de venda com a quantidade de produtos a fabricar previamente fixada. E assim, determinam os preços, e distribuem os lucros entre as distintas empresas. E, ao fazer um resumo da história dos monopólios, Lenin descreve:

1) Décadas de 1860 e 1870, o grau superior, culminante, de desenvolvimento da livre concorrência. Os monopólios não constituem mais do que germes quase imperceptíveis. 2) Depois da crise de 1873, longo período de desenvolvimento dos cartéis, os quais constituem ainda apenas uma exceção, não são ainda sólidos, representando ainda um fenómeno passageiro. 3) Ascenso de fins do século XIX e crise de 1900 a 1903: os cartéis passam a ser uma das bases de toda a vida económica. O capitalismo transformou-se em imperialismo (LENIN, 2012, p. 153).

Essa transformação do capitalismo em imperialismo se dá num processo de constante intensificação das contradições da sociedade capitalista, pois, segundo Lenin, nessa fase o capitalismo conduz à socialização integral da produção nos seus diferentes aspectos; os capitalistas são arrastados para um novo regime social, transitoriamente, “entre a absoluta liberdade de concorrência e a socialização completa”. Mas, o que vem a ser essa socialização?

A produção passa a ser social, mas a apropriação continua a ser privada. Os meios sociais de produção continuam a ser propriedade privada de um reduzido número de indivíduos. Mantém-se o quadro geral da livre concorrência formalmente reconhecida, e o jugo de uns quantos monopolistas sobre o resto da população torna-se cem vezes mais duro, mais sensível, mais insuportável (LENIN, 2012, p. 155).

De acordo com Lenin, essa socialização beneficia os especuladores. Nesse processo, outro importante ponto de observação refere-se aos bancos e seu novo papel. O capital bancário é constituído de dinheiro em espécie (ouro ou cédulas) e títulos de valor. Trata-se de papéis valorados em parte pela especulação, contabilizados não apenas pelos ganhos reais, mas, também, por “ganhos esperados”, antecipadamente calculados. “A maior parte do capital bancário é, pois, puramente fictícia e consiste em títulos de dívidas (letras de câmbio), títulos da dívida pública (que representa capital pretérito) e ações (direitos sobre rendimentos futuros)” (MARX, 2017b, p. 527). Inicialmente, os bancos operam fundamentalmente como intermediários nos pagamentos, convertendo com isso o “capital-dinheiro inativo em ativo”, ou seja, capital gerador de lucro.

À medida que vão aumentando as operações bancárias e se concentram num número reduzido de estabelecimentos, os bancos convertem-se, de modestos intermediários que eram antes, em monopolistas onipotentes, que dispõem de quase todo o capital-dinheiro do conjunto dos capitalistas e pequenos patrões, bem como da maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas de um ou de muitos países. Esta transformação dos numerosos modestos intermediários num punhado de monopolistas constitui um dos processos fundamentais da transformação do capitalismo em imperialismo capitalista, e por isso devemos deter-nos, em primeiro lugar, na concentração bancária (LENIN, 2012, p. 158).

A concentração capitalista moderna desenvolve-se, em grande medida, por meio dos bancos, inclusos no grupo dos grandes estabelecimentos que além de absorverem diretamente os pequenos “os ‘incorporam’, subordinam, incluem-nos no ‘seu’ grupo, no seu ‘consórcio’ - segundo o termo técnico - por meio da ‘participação’ no seu capital, da compra ou da troca de ações, do sistema de créditos” (LENIN, 2012, p. 159). E arremata o autor: “o século XX assinala, pois, o ponto de viragem do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro” (LENIN, 2012, p. 168).

## **Considerações finais**

O materialismo histórico é um campo rico para a percepção da importância da teoria na história e os avanços na historiografia. A partir das primeiras formulações de Marx

e Engels, é possível se observar tratar-se de textos que se relacionam no interior de um sistema teórico completamente novo em termos de compreensão da história. Esses autores pensaram a partir de preceitos materialistas, históricos e dialéticos configurando uma combinação peculiar na qual *dialética* refere às contradições imbuídas de historicidade.

Há uma gama de material escrito sobre o materialismo histórico e, certamente, ainda há muito que escrever. Por ora, cabe reafirmar que se trata de um paradigma historiográfico capaz de oferecer alternativas para a compreensão da história (o pesquisador pode partir da concepção de modo de produção, luta de classes, dialética etc.) para formular o conhecimento e contribuir com a historiografia. Dizendo de outro modo, o materialismo histórico também pode ser entendido como um método para se compreender a história bastante inovador, sobretudo se observarmos a prática historiográfica do século XIX, quando a história se torna uma disciplina acadêmica, em meio aos debates intelectuais europeus em torno de Leopold Von Ranke.

Para além disso, considera-se importante compreender a emergência de Karl Marx e Friedrich Engels no contexto das revoluções proletárias a partir do desenvolvimento capitalista na Europa do século XIX. Dessa forma, para desenvolver este texto, seguiu-se um percurso de leitura acerca da relação entre as revoluções burguesas e o desenvolvimento do capitalismo bem como se questionou sobre de que maneira as tensões entre burgueses e proletários impactaram a visão de mundo desses dois autores, sobretudo em torno da questão: qual o significado das revoluções de 1848 para contextualizar Marx e Engels frente às lutas operárias europeias no século XIX?

Do ponto de vista da formação intelectual de Marx e Engels, as revoluções burguesas significam importante acúmulo teórico para os dois amigos e companheiros de luta e escrita; para além disso, as revoluções operárias configuram-se num movimento dialético de compreensão, análise e intervenção na realidade por meio da *práxis* revolucionária. Assim, eles reelaboraram o pensamento social de sua época e trouxeram à luz um conhecimento novo, levando-se em conta a qualidade desse conhecimento e a integralidade da sociedade burguesa.

Como vimos, trata-se de um contexto de crescimento e transformação das cidades, aumento das populações urbanas, num processo de mudanças progressivo em que, desde os avanços na agricultura, a utilização de técnicas racionais e crescimento das áreas cultivadas etc., criaram-se as condições para que a revolução industrial acontecesse. Com a revolução industrial emergiu a sociedade moderna, a sociedade burguesa e com ela acirraram-se as contradições e as lutas sociais; nasceu uma nova classe social, a classe operária. Foi nesse contexto que Marx formulou uma das maiores descobertas do comunismo científico: a descoberta da missão histórica do proletariado como única classe histórica capaz de lutar pela liquidação de todo domínio e de toda opressão.

Constatou-se, de acordo com o exposto ao longo do presente texto, que compreender a emergência de Karl Marx e Friedrich Engels no contexto das revoluções europeias no século XIX requer, também, uma imersão na construção e concepção da história por esses dois autores, dada a impactante envergadura histórica que eles tiveram e têm na tradição das lutas operárias e com a construção do socialismo.

## Referências

- BARROS, José D' Assunção. **Teoria da história** v. III: Os paradigmas revolucionários, 3 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2013.
- COTRIM, Livia. A contra-revolução na Alemanha. Marx e a Nova Gazeta Renana. **Margem**, São Paulo, N. 16, p. 223-227, DEZ. 2002.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schuman. São Paulo: Boitempo, 2010.
- GIANOTTI, José Arthur. Marx (1818-1883): vida e obra. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de textos de José Arthur Gianotti; tradução de José Carlos Bruni (et al), 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- FERNANDES, Florestan. **Marx e Engels: a história em processo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- L'APINE, Nicolai. **O jovem Marx**. Tradução de Zeferino Coelho. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.
- LENINE, Vladimir Ilich. Imperialismo, fase superior do capitalismo. In: **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 144-224, jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**, 3 ed., v. 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução Nélio Schneider, São Paulo-SP: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital**. Tradução e seleção de textos de Rubens Enderle, 1 ed., São Paulo-SP: Boitempo, 2014.
- \_\_\_\_\_. **A revolução antes da revolução**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. Tradução de Rubens Enderle, 2 ed., São Paulo-SP: Boitempo, 2017a.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista**. Tradução de Rubens Enderle, 1 ed., São Paulo-SP: Boitempo, 2017b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Manifesto comunista**. Goiânia: Ed. UFG, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Antologia filosófica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1971.

Recebido em 26 de novembro de 2022 e aprovado para publicação em 15 de dezembro de 2022.